



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v12i1.47222>

## Mulheres de Terreiro: o Tambor de Mina como patuá de reexistência no território quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA, Brasil)

*Women of the Terreiro: the Tambor de Mina as a talisman of re-existence in the quilombola territory of Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA, Brazil)*

*Mujeres Del Terreiro: el Tambor de Mina como talismán de reexistencia en el territorio quilombola de Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA, Brasil)*

**Dayanne da Silva Santos**

Universidade Federal do Maranhão

**Resumo** Este texto é um fragmento de uma pesquisa de doutorado em Sociologia e só foi possível por conta de mais de 10 anos de escrevivência com mulheres quilombolas que são linha de frente na defesa do Território quilombola Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/MA, Brasil. Este texto visa ampliar o debate sobre o protagonismo das mulheres quilombolas na relação com o território quilombola e com o terreiro. Com base nisso, o Tambor de Mina é uma religião de matriz africana, espaço seguro e uma força existencial que emana da mãe natureza que as mulheres acionam na luta contra desenvolvimento predatório. A partir das ontologias presentes nas relações com os encantados, as mulheres quilombolas criam e recriam possibilidades de existência para si mesmas e seu território. Por fim, consideramos que essa confluência encantada permite a proposição de outras narrativas, falar de nós ganhando, como nos ensinou nosso mestre Nêgo Bispo.

**Palavras-Chave:** Tambor de Mina; Mulheres negras; Encantados; Resistência.



**Abstract** This text is a fragment of a doctoral research in Sociology and was only possible due to more than 10 years of writing with quilombola women who are on the front line in the defense of the Santa Rosa dos Pretos quilombola territory, Itapecuru-Mirim/MA, Brazil. This text aims to broaden the debate on the protagonism of quilombola women in their relationship with the quilombola territory and the terreiro. Based on this, Tambor de Mina is a religion of African origin, a safe space and an existential force that emanates from Mother Nature that women activate in the fight against predatory development. Based on the ontologies present in the relationships with the enchanted ones, quilombola women create and recreate possibilities of existence for themselves and their territory. Finally, we consider that this enchanted confluence allows the proposition of other narratives, to speak of us winning, as our master Nêgo Bispo taught us.

**Keywords:** Mina Drum; Black women; Enchanted; Resistance.

**Resumen** Este texto es un fragmento de una investigación de doctorado en Sociología y sólo fue posible gracias a más de 10 años de escritura con mujeres quilombolas que están en la primera línea de defensa del territorio quilombola de Santa Rosa dos Pretos, Itapecuru-Mirim/MA, Brasil. Este texto pretende ampliar el debate sobre el protagonismo de las mujeres quilombolas en su relación con el territorio quilombola y el terreiro. Basado en esto, Tambor de Mina es una religión de origen africano, un espacio seguro y una fuerza existencial que emana de la Madre Naturaleza que las mujeres activan en la lucha contra el desarrollo depredador. A partir de las ontologías presentes en las relaciones con los encantados, las mujeres quilombolas crean y recrean posibilidades de existencia para sí mismas y su territorio. Finalmente, consideramos que esta confluencia encantada permite proponer otras narrativas, para hablar de nuestro triunfo, como nos enseñó nuestro maestro Nêgo Bispo.

**Palabras clave:** Tambor de Mina; Mujeres negras; Encantado; Resistencia.

*Recebido em 24-12-2024*

*Modificado em 15-02-2025*

*Aceito para publicação em 08-04-2025*



Obrigação/festa do caboclo Pedro Légua Boji na Tenda Nossa Senhora dos Navegantes.  
Foto tirada no raiar do dia.

## Introdução

*Me der licença minha mãe, me der licença  
Me der licença para eu doutrinar no seu terreiro  
Me der licença minha mãe, me der licença  
Sem sua licença eu não posso doutrinar  
Sem sua licença eu não posso trabalhar*

Qualquer ritual/obrigação/missão no Tambor de Mina<sup>1</sup> tem seu início com um pedido de licença aos encantados para abrirem os caminhos. Logo, peço licença as minhas mais velhas para compartilhar uma parte de suas e nossas confluências. Abrir caminhos e

<sup>1</sup> O tambor de mina é o revide dos povos e comunidades tradicionais a toda forma de morte que chega nos territórios tradicionais, é uma das religiões de matriz africana praticada em todo o Maranhão. Em Santa Rosa dos Pretos, o tambor de Mina fundamenta as relações sociais nos quilombos, essas relações são relacionais as políticas e estratégias de (re)existências desde o período da escravidão legal. Assim, os encantados sempre são consultados no processo de defesa territorial, eles são fundamentais na produção de cuidados, cura e tecitura de lugares seguros dentro e fora dos quilombos. Logo, os encantados carregam patuás e segredos de proteção que são compartilhados dentro do terreiro/Tenda, em sonhos, cantos/doutrinas ou e conversas e ensinamentos cotidianos. A mina é cheia de mistérios que não podem ser revelados e cada lugar se relaciona de forma diversa e distinta com as encantarias do tambor de mina. Nossa intenção aqui é construir pistas a respeito da cosmovivência das mestras com os encantados na luta pela defesa de seus corpos e territórios. Entendimentos esses contado por elas e pela escrevivência da pesquisadora no universo do quilombo.

ampliar os que já existem para mais de nós passarmos ainda é um grande desafio na produção e compartilhamento de conhecimentos e saberes contracoloniais (Santos, 2023).

Como fugir das explicações “prontas” sobre o Tambor de Mina, sobre as religiões de matriz africana e narrar a cosmovivência<sup>2</sup> (Santos, 2024) de mulheres quilombolas na aliança com os encantados para atuar contra o desenvolvimento predatório? Tramas de convivência que são tecidas a partir das matas, igarapés, terreiro (Tenda Nossa Senhora dos Navegantes) e mobilizadas na luta contra o racismo e os grandes empreendimentos?

É com base em perguntas deste tipo que coloco em diálogo a vivência e protagonismo das mulheres quilombolas com seus guias/encantados<sup>3</sup>, essa cosmovivência traz posições teóricas, espistemológicas e encantadas num processo de experimentação contínuo. Este texto é uma experimentação para outras narrativas possíveis. Não se enquadra, não se fixa; é um transe, isto que minhas mestras gostariam que eu lhes dissesse: vivências/teorias que são aprendidas e valorizadas nos terreiros e acionadas na luta pela permanência nos quilombos, pois caboclo não tem caminho para caminhar<sup>4</sup>.

Caboclo não tem caminho para caminhar  
Caminha por cima da folha  
Por baixo da folha  
Em todo lugar  
Okê Caboclo!

Cheguei em Santa Rosa dos Pretos<sup>5</sup> nua, ou seja, eu não me reconhecia enquanto mulher negra protagonista de minha história e povoada por muitas/os pretas/os, não sabia o que era o racismo e como ele é um dos grandes males coloniais de nosso tempo, pois seus efeitos são sentidos por nós, mulheres negras, desde que nascemos até nossas mortes. Em todo lugar!

Eu não sabia o que era o quilombo, tinha medo de encantados, ou melhor, eu tinha uma visão de demonização fortemente marcada pela igreja católica e pela igreja evangélica, locais que violentamente me vestiam para servir à casa grande, enquanto eu nada sabia de mim mesma, das minhas mais velhas e de suas forças em minha vida. Relato isso para que descolonizem suas formas de amar e de ensinar (Hooks, 2017; Santos, 2023). Sou sobrevivente de um holocausto silencioso e que gera a morte física, psíquica e espiritual de muitas de nós, de muitas meninas negras, antes mesmo de terem sua primeira menstruação. Sem a proteção dos meus guias, que eu nem sabia que existiam, eu nunca tinha chegado até aqui. Okê Caboclo!

<sup>2</sup> Cosmovivência é uma energia que tem várias nascentes e raízes profundas. Logo, ela é esse axé que rege a (re)existência das pessoas em parceria com os encantados que nos ensinam que a racionalidade Ocidental deve ser abandonada para dar lugar a um tipo de racionalidade “outra” que está nas ações das mulheres quilombolas e que é indissociável da sua religiosidade, pois não existe mulher “Linha de Frente” em Santa Rosa sem estar ligada a encantaria (SANTOS, 2024, p.168).

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wDcPkz3ulUc>. Acesso em: 27 fev. 2025

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CoxjVFfvI7g>. Acesso em: 27 fev. 2025

<sup>5</sup> A participação no Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (Gedmma/UFMA) foi essencial para esse contato respeitoso e de alianças na luta antirracista com as pessoas do território quilombola Santa Rosa dos Pretos. Mais informações sobre o Gedmma em <https://gedmma.webnode.page/sobre-nos/>

Em pleno século XXI, conheci muitas pretas que viviam silenciadas pelo racismo que operava de forma sorrateira e cotidiana em suas vidas. Conheci muitas Anastácias amordaçadas pelo machismo, racismo, sexismo e muitos “ismos” coloniais que, até hoje, permanecem encobertos. Mas, enquanto ninguém as via, elas travavam e travam suas lutas possíveis de acesso à liberdade, cura, cidadania e dignidade. Marilene, minha mãe, é uma dessas mulheres fortalezas, folhas de Jurema, vento, mar e tempestade. Talvez ela não saiba, mas suas manobras contra as desigualdades econômicas e risos cotidianos me moldaram intelectual da margem, e os encantados do Tambor de Mina me deram a missão de guerrear como quilombo, por isso, “Eu sou a mãe natureza!<sup>6</sup>” e as escrevivências (Evaristo, 2017) compartilhadas aqui correm como rios, que se encontram e se tornam mais fortes na luta pela vida, pelo direito de viver e permanecer gerando vidas dentro dos quilombos.

### ENTRANÇADA

Quando eu penso em intelectualidade  
penso no meu corpo negro,  
nas tranças que eu não fiz quando criança  
na minha raiz sendo esticada/alisada  
nos apelidos racistas,  
na/o professora/o que não via futuro em mim  
que me disse para fazer outra coisa,  
porque eu não era “*intelectual*”  
penso nas pretas que foram obrigadas a abortar seus sonhos,  
nas que não conseguem falar por conta do silenciamento imposto  
e faço do meu corpo movimento para tensionar  
essa estrutura racista, sexista, colonial e patriarcal.  
Com os passos/aprendizados de muitas pretas  
luto contra uma escravatura,  
o racismo.

Nesse contexto, chego ao território quilombola Santa Rosa dos Pretos, em 2014, espiando conhecer um quilombo — muda de mim e cheia de medos coloniais. No quilombo, sou recebida pelas caixeiros do Divino Espírito Santo<sup>7</sup> — só depois de cindo anos fui entender sua relação existencial com todos os seres vivos do território quilombola e quem me abençoa até aqui.

Para as mestras Maria Dalva e mãe Severina, “a Mina (Tambor de Mina) é um mundel, é mistério”. Para além de uma pesquisadora militante, as relações tecidas com o Território quilombola Santa Rosa dos Pretos desde a Tenda Nossa Senhora dos Navegantes me fizeram filha de santo, na escrita e abertura de espaços de visibilidade para os povos e comunidades tradicionais. Assim, esse texto é uma experimentação e uma

<sup>6</sup> Frase/reza/ensinamento de minha amiga e mestra Anacleto Pires da Silva.

<sup>7</sup> As caixeiros do divino em sua grande maioria mulheres negras, carregam a missão de rezar/cantar para salvar a si mesmas e o mundo diante das mazelas deixadas pelo racismo e pela escravidão. Festa do Divino Espírito Santo/Santa Rosa dos Pretos/MA. Documentário de @marcelocruz485 disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cYS5jqsYVqE> - e Documentário “O Divino Preto” disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6fgBQaUaoU0&t=678s>

possibilidade de falar de nós ganhando, pois quando você compartilha o saber, ele só cresce<sup>8</sup> (Nêgo Bispo, 2023). Sobre o Território quilombola Santa Rosa dos Pretos:

Santa Rosa dos Pretos é um território quilombola composto por 20 quilombos e com mais de 800 famílias, está situado no município de Itapecuru-Mirim no estado do Maranhão, Brasil e historicamente luta pela defesa do seu território ancestral. Tendo mais de 300 anos de história, os pretos e as pretas de Santa Rosa vivem em uma comunidade que nas últimas décadas foi atravessada, violentada e impactada por grandes empreendimentos (Estradas de Ferros; Linhões de energia; Rodovia BR 135 e Fazendeiros) invasores externos. A luta de Santa Rosa dos Pretos é internacionalmente conhecida. Parceiros, amigos e apoiadores se encontram em toda parte do mundo para fazer eco às denúncias de violações de direitos humanos que desde os anos 1980 só aumentam as desigualdades raciais/sociais locais<sup>9</sup> (Silva, Santos & Pinheiro, 2024).

Mãe Severina, Anacleta e Dalva nos dizem que a vida para as mulheres negras no Brasil e no quilombo sempre foi difícil, as mulheres sempre tiveram que estar lutando para ter condições de viver, de falar e de ser reconhecida. No quilombo, boa parte do sustento das famílias provinha das matas, da quebra dos cocos babaçus, das roças de toco e dos igarapés, mas com a invasão do nosso território, tudo isso foi desrespeitado. Segundo Anacleta e seu pai, seu Libânio, os quilombolas no Brasil parecem que não têm valor para o Estado quando não estão sendo explorados. Importante diminuição dos babaçuais, da pesca e de espaços de roças estão relacionados à diminuição dos espaços com a construção de estruturas logísticas e a entrada das fazendas sobre os quilombos. Na luta pelo processo de regularização dos quilombos as mulheres são maiorias e protagonistas de ações de visibilidade, retomada e cura, mas infelizmente ainda é visível o racismo e machismo na luta por territórios livres que tentam a todo custo negar o protagonismo das mulheres quilombolas e dos encantados.

As mestras quilombolas, junto a outras mulheres, se encontram trazendo forças e proteção para o território quando plantam, pescam, fazem carvão, quebram coco babaçu, rezam, tocam caixa, dançam o tambor de crioula, tambor de mina, festejam o Divino Espírito Santo; quando estão cozinhando nas festas, festejos, obrigações e velórios; quando viajam a São Paulo em busca de recursos para abrir poços nos quilombos; e também quando viajam para encontros, seminários, congressos e processos de formações locais, nacionais e internacionais com outras pessoas linha de frente — esses encontros formam uma trincheira de manutenção da vida nos quilombos.

Na confluência de escritas contracoloniais (Santos, 2023) sou “cavalo de santo” (Anjos, 2001; 2006), fazendo baia<sup>10</sup> as escrevivências (Evaristo, 2017) em cada página e linhas seguintes. Assim, cada encantado, pessoa/mulher acionada/citada é tão autor quanto sujeito, que quando evocada baixa sobre o texto.

<sup>8</sup> Citação disponível em <https://conexaoplaneta.com.br/blog/quando-voce-compartilha-o-saber-o-saber-so-cresce-dizia-nego-bispo-pensador-poeta-e-ativista-politico-quilombola/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

<sup>9</sup> Informação disponível em <https://agenciatambor.net.br/opinioao/deixe-me-viver-este-territorio-e-sagrado/>. Acesso em: 22 fev. 2025.

<sup>10</sup> Escrita coletiva povoada de pessoas e encantados.



O sujeito tem uma percepção vaga ou nenhuma do que acontece ao longo do ritual. Trata-se de uma experiência radical de alteridade: o “outro” introduzido no “mesmo”. Que essa operação tenha a ver com território, a linguagem émica o diz na expressão “se ocupar” – o santo, o exu, o caboclo “se ocupar” da pessoa, faz de seu corpo um território no qual pode cavalgar – o corpo é o “cavalo-de-santo”, o terreiro é o lugar de sobreposição de territórios. O próprio corpo está na encruzilhada do “eu cotidiano” e das entidades que o “ocupam” (Anjos, 2006:21).

Eu também sou terreira, ando em transe contínuo, abaixo a cabeça pedindo licença para falar e escrever em respeito aos meus guias (encantados). Seu Pedro Légua é uma força da encantaria maranhense, assim como muitas/os outros que dão forma ao que conhecemos como Tambor de Mina<sup>11</sup>. Eu tive a oportunidade de apreender muitas coisas sobre a força do povo preto, do quilombo que pelas águas, terras e matas se conectam com os povos insurgentes e originários. Essa conexão recria mundos de vida e uma existência encantada entre os povos da diáspora e de Pindorama. Imagina ser traficada como bicho/mercadoria para fora de sua comunidade, de seu país e continente e não ter um patuá<sup>12</sup> de proteção? Imagina? Um punhado de terra nas mãos, uma semente entre os cabelos, os cabelos entrançados como mapas/rotas de fuga/memória afetiva, um canto para cicatrizar as chibatas e as cólicas coloniais. Imagine a nossa existência sem nossos orixás, nossos guias de luz. O que nossos opressores não sabiam é que somos *Ubuntu*, eu sou porque nós somos. Terra, água, mar, mata e sementes teimosas.

No Terreiro de Tambor de Mina, Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, chefiada por mãe Severina e seus guias (Seu Cearense e dona Tereza Légua), existe um continente encantado de povos que nas noites de festa/obrigação criam/recriam espaços seguros e ancestrais entre as pessoas e os encantados. (Re) existir é sobre isso... estar umbilical, ancestral e espiritualmente em diálogos com pretos velhos, mães d’águas, caboclos, voduns, orixás e com outras forças que sentimos, mas não é possível nomear, pois é mistério. Tambor de Mina é mistério.

Apresentamos as mestras quilombolas aqui como força ancestral e encantada que formam uma trincheira na defesa da mãe natureza, sendo elas mesmas a mãe natureza. Como a mestra mãe Severina, Anacleto<sup>13</sup> e Dalva, que sempre acolhem a todas/os com um

<sup>11</sup> Dependendo do lugar, o tambor pode ser tocado dentro de salões/barracões/tendas/terreiros/casas ou no “tempo”, quintais, praias e matas. É uma religião que ainda carrega o estigma do processo colonial de “rituais ligados às coisas do mal, demônio” por ser batuque de preto. Nos últimos anos, essa religião ganhou um relativo respeito na sociedade, por conta da luta e resistência do povo negro para ser aceito em toda sua complexidade na sociedade brasileira que ainda carrega nas relações sociais as marcas do sistema escravista, que por muito tempo negou, escravizou, torturou e exterminou os negros e seus territórios, sua “cidadania”. Nessa perspectiva, de tornar legítimas as coisas de preto temos especialmente os trabalhos do já falecido antropólogo Sérgio Ferretti (1995; 2009) e de sua esposa e antropóloga Mundicarmo Ferretti (1988;1991; 1994; 2000; 2008), e do pai de santo Euclides Menezes Ferreira ou Pai Euclides Talabyan da Casa Fanti Ashanti (1997; 2008) que abordam sobre o Tambor de Mina no Maranhão. Assim como a lei contra intolerância religiosa — no Brasil, a Lei n.º 7.716, de 5 de janeiro de 1989, alterada pela Lei n.º 9.459, de 15 de maio de 1997, (fruto da resistência e manifestações do povo negro) que considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões (Silva & Santos, 2020:186).

<sup>12</sup> É um objeto que traz em si o axé, a força dos Orixás e dos encantados.

<sup>13</sup> “A liderança do quilombo Santa Rosa dos Pretos, Anacleto Pires da Silva, de 58 anos, morreu nesta terça-feira (17/09). Ela lutou desde jovem pela regulamentação latifundiária do território localizado às margens

canto<sup>14</sup>, um abraço, um abrigo em sua casa, um café quentinho, uma folha ou um recado espiritual que elas sentiram quando viram a pessoa. Dalva e Seu Pedro Légua habitam o mesmo plano de existência, com temporalidades distintas. Assim como Zica e seu guerreiro e mãe Severina e seu Cearense e dona Tereza Légua<sup>15</sup>.

Temos o significado de trincheira como sendo: fosso ou escavação feita no solo cuja profundidade e parapeito servem como abrigo aos combatentes, significado esse relacionado à situação em que os homens estão em guerra. As trincheiras eram longas escavações feitas no chão que serviam de abrigo para as tropas e possuíam proteções feitas com obstáculos, como arame farpado e minas terrestres. A proteção também era reforçada com paredes feitas de sacos de areia tanto à frente quanto atrás das trincheiras. Aqui ressignificamos e acionamos o uso de “trincheira” como o lugar que as mulheres linha de frente assumem juntas e em alianças com os encantados para defender seus corpos, territórios e a mãe natureza. A trincheira só é possível em uma relação de respeito com a mãe natureza, que dar sentido a cosmovivência dentro e fora dos quilombos. Assim, a proteção dos corpos e território quilombola é reforçada e só é possível graças a força que emana da matriz africana e do chão dos quilombos, essa força é dinâmica, diversa e encantada. A proteção é reforçada pelas matas, folhas, igarapés, rios, bichos, mar, poços d’água e pela terra preta que circunda toda possibilidade de vida/ vidas nos quilombos.

Os encantados estão no tempo, dentro das matas e viajam sem pagar passagem. Mas, todo ano no mês de fevereiro é em conexão de respeito e cura dentro do terreiro chefiado por mãe Severina, que seu João Guará e outros encantados, com todas as licenças possíveis, habitam o corpo de Mãe Severina para baiair<sup>16</sup>, doutrinar, ensinar, curar e alerta sobre os cuidados necessários para a manutenção do território quilombola<sup>17</sup> e da vida no quilombo em uma relação de cooproteção (Silva & Santos, 2020). Seu João Guará é um ser político, por isso, encantado. Mas o racismo, grande mal de nossa civilização, o rebaixa para o plano do misticismo o tempo todo e, principalmente, nos processos de regularização fundiária no Brasil. A máxima de que os encantados falam, e essas falas orientam o mundo, ainda é atravessada por relações racializadas, ou seja, ora questionada, ora rebaixada na formação da Nação brasileira.

---

da BR-135, em, Itapecuru-Mirim, no Maranhão, pela construção de poços artesianos e pelo resgate memorial e histórico quilombola. A história de Anacleto cruzou com a da Justiça Global por diversas vezes. Estivemos juntas denunciando as violações cometidas pela mineradora Vale, pela garantia de direitos territoriais das comunidades tradicionais e, principalmente, na defesa de outro modelo de sociedade. Todos os dias, ela nos lembrava da importância da terra, da ancestralidade e do bem-viver”. Informações disponíveis em <https://www.global.org.br/blog/anacleto-pires-se-encantou/>. Acesso em: 03 jan. 2025. Diálogos: desafios dos quilombos no Brasil <https://www.youtube.com/watch?v=l91KTECUS4c>. Acesso em: 03 jan. 2025.

<sup>14</sup> Pontuamos que teorizamos também desde os cantos e poemas para escrever com as mestras formas cotidianas de defender o território quilombola e produzir cura, liberdade, felicidade e autonomia. Assim em muitos momentos, os cantos e os poemas não vão aparecer recuados como citações.

<sup>15</sup> É importante sinalizar que esses não são os únicos encantados que elas recebem, existem muito mais.

<sup>16</sup> Significa dançar incorporado por algum encantado.

<sup>17</sup> Nos referimos a uma categoria dinâmica, lugar seguro e de liberdade. Categoria sistêmica de visibilidade de uma existência povoada por pessoas, encantados e outros seres vivos, no qual a terra é lida como território, chão de relações de cuidados e de subsistências.



Sobre o Tambor de Mina no livro “Terra de Encantados”, as autoras das escutas com os encantados e com as pessoas que lutam pela defesa do território quilombola, pontuam que:

Tambor de Mina trata-se de uma religião que faz parte de um conjunto de religiões de matriz africana que se apresenta no cotidiano das relações sociais das formas mais variadas possíveis para orientar, cuidar e disciplinar as pessoas. Ela é praticada principalmente em terreiros do Maranhão, na qual o médium/filhas/filhos/pais/mães de santo chegam a incorporar mais de três entidades em uma única noite de tambor (noite de prática religiosa dessa religião) (Silva & Santos, 2020:186).

A respeito dos encantados, compartilhamos a definição dada a eles pelos próprios quilombolas nas suas relações cotidianas com os guias. Assim, “Encantados/Entidades – usamos para nos referir aos Pajés, invisíveis, guias, mães d’águas e caboclos do Tambor de Mina. Em Santa Rosa dos Pretos, quando as pessoas falam em Pajés/invisíveis/guias e caboclos estão falando dos encantados” (Silva & Santos, 2020:188). Os encantados também envolvem ciganos, boiadeiros, navegantes, marinheiros, caboclos bravos, voduns, pretos velhos, erês, ou seja, um *mundel* de forças ancestrais e da natureza. Logo, ainda existem muitos outros encantados que não citamos aqui.

Este texto tem a finalidade de escrever como mulheres quilombolas lêem o território e se reproduzem nele, território esse marcado pela escravidão<sup>18</sup> e pelos projetos desenvolvimentistas gestados no estado do Maranhão/MA desde a década de 1950, na perspectiva de entender a produção de reexistências cotidianas. Território quilombola é historicamente danificado por duas Estradas de Ferro Carajás, 3 linhões de energias, fazendas e pela rodovia 135. A gramática dessa relação envolve uma luta constante de permanência no/pelo território quilombola ameaçado por projetos desenvolvimentistas, como o projeto de morte branca (duplicação da BR 135<sup>19</sup>), o que fica explícito na citação abaixo.

Itapecuru-Mirim, assim como o município de Alcântara, abriga uma vasta gama de comunidades quilombolas que vivem em sua grande maioria em uma relação intrínseca aos seus territórios. Itapecuru-Mirim é povoado por mais de 80 comunidades quilombolas que direta e indiretamente sofrem com os processos de expropriações, deslocamentos compulsórios e impactos ambientais ocasionados pelos grandes empreendimentos que já existem e que ao caso da BR-135 que está em fase de duplicação, ameaçando 345 casas as margens da dita BR (Santos, 2024:38).

A agência dos encantados na vida das mulheres é cotidiana e um axé de vida. Assim, não tem lugar que eles não se façam presente, e quando uma mulher preta fala sob

<sup>18</sup> Nos referimos ao período formal e legal de escravização dos povos indígenas e negros. Mas, em muitos momentos, quando citarmos a palavra escravidão para falar das opressões que as mulheres e seus parentes estão sofrendo por conta da sobreposição de grandes empreendimentos sobre seus corpos e territórios, nos referimos a escravidão relacionada a precarização das vidas (das pessoas e outros viventes) dentro dos quilombos.

<sup>19</sup> Mais informações ler <https://agenciatambor.net.br/opinio/deixe-me-viver-este-territorio-e-sagrado/>. Acesso em 27 fev. 2025.

orientação de seus guias elas transformam radicalmente o mundo e ampliam os espaços de vida para o seu povo.

Abaixo compartilhamos uma sequência de fotos de uma das obrigações/festas que ocorrem dentro da Tenda Nossa Senhora dos Navegantes no mês de fevereiro para seu João Guará (encantado). Essa obrigação aconteceu somente em um único dia (02/02/2017) e contou com a participação de mais de 100 pessoas na festa e um mundel de encantados do Tambor de Mina. A obrigação é uma forma de cooproteção entre a pessoa e seu guia de luz (encantado). Nela estão contidas formas de cuidados e táticas de reexistências que são transmitidas de geração a geração e em noites de obrigação dentro do terreiro. É importante sinalizar que as fotos foram realizadas pela autora com autorização da mãe de santo e dos/as filhas da Tenda. Para a coleta, usamos uma câmera canon semiprofissional que pertence ao Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (Gedmma/UFMA) do qual eu faço parte como pesquisadora ativista, desde 2013. Na universidade, se você é mulher negra, macumbeira, da periferia dificilmente terá uma câmera profissional para uso nas pesquisas de campo. Logo, esse acesso só é possível por meio e parceria com os grupos de estudos que existem e dão um suporte extraordinário para que nós possamos estar em campo e desempenhar a pesquisa com qualidade.

As fotografias compõem um corpo denso de movimentos e estratégias de *sobreviver, ser, coexistir, sentir, encantar e pensar* a produção do protagonismo das mulheres com seus guias. Nesta parte do texto acionamos a fotografia como,

Um modo afetuoso de olhar o mundo pelas lentes da fotografia popular. A fotografia, mais do que o registro, também se constitui como espaço de diálogo sobre passado, presente e futuro. É no olhar para o outro, com respeito e acolhimento, que diferentes realidades se manifestam para além do contato visual (SESC, Polo Sociocultural Sesc Paraty, 2022:4).

Partimos da concepção e metodologia afetiva de fotografia popular e compartilhada de João Roberto Ripper<sup>20</sup> para compartilhar aqui as fotos como um compromisso histórico e social com as mestras e com as comunidades quilombolas. João Roberto Ripper<sup>21</sup>, sobre a fotografia documental compartilhada valoriza e amplia as possibilidades de leituras outras sobre os territórios tradicionais.

A matriz conceitual dessa experiência pedagógica estava ancorada em valorizar o que Ripper classificava como “a beleza dos fazeres das populações mais pobres”, aspecto pouco enaltecido pela grande mídia, que costuma apresentar os espaços populares como violentos (SESC, Polo Sociocultural Sesc Paraty, 2022:11).

<sup>20</sup> Mais informações em <https://radis.ensp.fiocruz.br/reportagem/direitos-humanos/o-legado-de-joao-roberto-ripper/>. Acesso em: 25 fev. 2025.

<sup>21</sup> “Os 69 anos que João Ripper comemorou discretamente em maio de 2022, escondem uma marca que merece ser celebrada em alto e bom som: os 50 anos de profissão de um dos mais importantes fotógrafos brasileiros (...). Já para enaltecer sua revolucionária atuação como educador, é imperativo citar a formação de quadros para a fotografia popular, iniciada em 2004 no Complexo da Maré e irradiada, nos últimos 10 anos, por meio das oficinas Fotografia do Bem-Querer, que Ripper vem ministrando em quilombos, aldeias indígenas, assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e núcleos de populações tradicionais pelo país afora”. Informações disponíveis em: REVISTA FPM SESC FLIP.pdf

A escolha de tecer esse diálogo com Ripper se deu há uns sete anos atrás, quando eu tive a oportunidade de participar de um curso sobre fotografia com ele na comunidade tradicional do Taim, localizados na Zona Rural de São Luís, dentro da Reserva Extrativista Tauá-Mirim<sup>22</sup>, no Maranhão. E mais recentemente, em abril de 2023, fiz outro curso envolvendo a fotografia documental com ele, esse na modalidade virtual e pós-pandemia. A forma afetiva como Ripper devolve as fotos para as comunidades, para o mundo, olha e faz ecoar as forças, saberes e beleza das comunidades é o que mais conecta esses manuscritos com a metodologias empregada no ato de fotografar.

Aqui as fotos são expressões políticas, ancestrais e criativas e cotidianas de acesso à dignidade, onde as pessoas, as mulheres se sentem bem e em liberdade para serem pessoas plenas e de direito, ou seja, para serem quilombolas.

Para as mestras quilombolas liberdade é estar envolvida com o território quilombola, com a mãe natureza, com os encantados e está em conexões de pensamento e de existência com seu território de origem (África) e com o território da diáspora, Pindorama (Brasil).

**TERREIRA:** a preparação do corpo em confluência com o terreiro



<sup>22</sup> Mais informações em <https://justicanostrilhos.org/resex-taua-mirim-ja-a-luta-pela-conservacao-da-natureza-e-da-cultura-dos-povos-tradicionais-em-sao-luis/>













“Quando eu era pequena, andava sempre dentro da mata, e eu gostava. Quando meu avô (Benedito Grande) ia pescar, eu ia com ele. Uma vez, nessas idas, eu vi uma sapa muito grande, e meu avô disse: é uma encantada” (Entrevista concedida por Mãe Severina em 2017).



Caboclo não tem caminho para caminhar,  
 Caboclo não tem caminho para caminhar,  
     Caminha por cima das folhas,  
     Por baixo das folhas,  
     Por todo lugar.  
 Caminha por cima das folhas,  
     Por baixo das folhas,  
     Por todo lugar.  
     Okê, caboclo.





Nesta foto, gostaríamos de destacar a presença da mestra quilombola Anacleto Pires, que se ancestralizou<sup>23</sup> em setembro de 2024. Na foto, Anacleto segura as mãos de umas das encantadas da Tenda, que se manifestou na mãe de santo (mãe Severina). Nessa confluência, Anacleto e mãe Severina reexistem com a força da encantaria e seus corpos. Além de serem moradas de guias de luz, são portais de comunicação seguro para o povo preto continuar lutando por direitos, justiça social e territórios livres das mazelas dos grandes empreendimentos<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Apresenta uma perspectiva encantada sobre a morte e contribui para interpretarmos essa realidade/condição e reformulá-la. Das escutas com os quilombos, falar que uma pessoa se ancestralizou significa dizer que essa pessoa voltou a ser natureza, enquanto uma abordagem ontológica fundamental que coloca o povo negro como o sujeito e agente de ações que ampliam o debate sobre os direitos da natureza, luta antirracista, permanência nos territórios quilombolas ao mesmo tempo que reconhece o protagonismo daquelas/es que tombam na luta pela terra como consciência e práticas emancipatórias.

<sup>24</sup> Sobre a luta de mãe Anacleto assistir <https://www.youtube.com/watch?v=zc4Ok8h3aEc> e ler: <https://brasilpopular.com/especial-consciencia-negra-feiticarias-misterios-e-lutas-na-abrangencia-da-estrada-de-ferro-carajas/>. Acesso em: 27 fev. 2025.



“Acredito eu que a nossa articulação nada mais é do que as conexões. As conexões e as trocas, as trocas de experiências pra que a gente possa cada vez mais, sempre estar nos reafirmando, porque essa reafirmação que eu falo é nós estar nos relacionando para que a gente possa manter garantias. O que é essa garantia? quilombos livres e titulados” (Anacleto Pires, 2023).





Anacleto vive em cada pessoa e ser vivente que se movimenta em defesa da mãe natureza, dos quilombos e das aldeias. Ela se encantou e enquanto entre nós esteve inventou e cantou diversos modos de existências contra as mazelas e maldades do racismo.

### **ANACLETO ORIXÁ GUERREIRA**

Olhei de longe e vi uma preta

#### **QUILOMBOLA E ANCESTRAL**

Que todos acolhia de uma forma maternal

Ela com seu jeitinho amoroso

Encantava sua gente

Sementes de Pindorama

Quilombolas, camponeses

Originárias raízes da mata Virgem

#### **Anacleto LUTOU COM A FORÇA DOS ENCANTADOS**

Sua voz clamava por libertação das mazelas do Racismo que exaltado como

Desenvolvimento era genocídio pra sua gente

Ana cantava para encantar

Seu corpo, seu povo e território quilombola Santa Rosa dos Pretos que no coração do

Maranhão de terra de sossego

Arames, agrotóxicos e balas

Ameaçam as vidas de todos os seres viventes

Mas, entre a maldade do opressor e a luta pela vida

Temos a força de uma **ORIXÁ GUERREIRA**, quilombola e preta

Que do meio da mata Virgem

#### **PROTEGE SUA GENTE**

Hoje e **SEMPRE**

Anacleto Pires

Presente!

*“Anacleto é semente e fará brotar uma floresta.”*

*Anacleto Pires para sempre presente!!!*

## Referências

- ANJOS, José Carlos G. (2001). “O corpo nos rituais de iniciação do Batuque”. In: *Corpo e significado, ensaios de antropologia social*. Porto Alegre, EDUFRGS.
- ANJOS, José Carlos G. (2006). *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afrobrasileira*. Porto Alegre, Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares.
- EVARISTO, Conceição. (2017). *Becos da memória*. Rio de Janeiro, Pallas.
- FERRETTI, Mundicarmo. (2008). “Lugares sagrados e encantarias maranhenses”. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, nº 40.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo, Ubu Editora/PISEAGRAMA.
- SANTOS, Dayanne da S. (2019). *Não se pode entrar em terra de encantado sem permissão: um estudo sobre a relação entre pessoas e encantados na luta pelo território quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)*. São Luís/MA, UFMA. Dissertação do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFMA.
- SANTOS, Dayanne da Silva. (2024). *Ser-natureza como trincheira: a cosmovivência de mulheres linha de frente da defesa do território quilombola santa rosa dos pretos contra o processo de duplicação da br-135 no município de Itapecuru-Mirim/MA, brasil*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- SESC, Polo Sociocultural Sesc Paraty. (2022). *A Fotografia popular por ela mesma*. Paraty, RJ, Polo Sociocultural Sesc Paraty.
- SILVA, Anacleto Pires; SANTOS, Dayanne da Silva. (2020). *Terra de encantados: a luta pela permanência no território Quilombola Santa Rosa dos Pretos (Itapecuru-Mirim/MA)*. São Paulo, Hucitec.

## Dayanne da Silva Santos



<https://orcid.org/0000-0003-3930-4899>



<http://lattes.cnpq.br/2394816629394228>

Mulher afro-indígena, educadora popular, mãe, socióloga, poeta e de terreiro. Doutora em Sociologia pelo PPGS/UFRGS. Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc/UFMA), pesquisadora engajada na luta antirracista pelo Gedmma/UFMA e do Laboratório Urgente de Teorias Armadas (LUTA/UFRGS). E-mail: [lavignedayanne@gmail.com](mailto:lavignedayanne@gmail.com)